



CEDI - P. I. B.  
 DATA 17/10/86  
 COD AID00001

*DEF*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

DELIMITAÇÃO DE RESERVA: UMA DIFÍCIL TAREFA

Delvair Montagner Melatti  
 Funai

Necessidade de esforço coordenado

O problema de terra constitui a meu ver, um dos mais delicados e difícil de ser resolvido de maneira imparcial e que ve nha de encontro com os reais interesses e necessidades das comunida des indígenas. Implicações sociais, políticas e econômicas são leva das em consideração por ocasião da delimitação e demarcação de re servas indígenas. A FUNAI na medida do possível tenta contornar e equacionar a situação, mas nem sempre obtém sucesso, pelos seguin tes motivos: falhas no levantamento da área; falta de tato dos téc nicos para lidarem com as pretensões em conflito; falta de conheci mento da cultura do grupo; invasão por posseiros, grileiros, cole nos, da área pretendida pelos índios; a área pretendida <sup>está em</sup> concessão ~~a~~ fazendeiros, agro-pecuárias, mineradoras; loteamento ou ven da, pelo INCRA, de glebas de terra sem considerar com a devida an tecedência a presença indígena na região.

Aos Territórios de Rondônia e do Acre estão chegando quase que diariamente levas de migrantes, procedentes de diversos Estados, principalmente do sul, a procura de terras licitadas pelo INCRA ou adquiridos por incentivos fiscais. Os grupos indígenas são afetados pelas diferentes frentes migratórias, tendo sua área redu zida ou mesmo sendo impelidos a mudarem de seu habitat original. Es tas constantes mudanças no decorrer dos anos, ocasiona uma altera ção na organização social do grupo, devido a adaptação às novas con dições ecológicas e a outras peculiaridades advindas do longo conví vio com o branco. Muitas vezes o grupo se cinde em pequenos núcleos familiares, como meio de sobrevivência e, com isso muitos abandonam a língua nativa e se esquecem dos costumes.

Foi um desses grupos indígenas, que possivelmente pas ~~sou~~ por este processo, os Masaká (chamados de Tubarão), que em meados de novembro de 1976, procurei a podido do Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGPI), Divisão de Registro Patrimonial, a

**Centro de Trabalho Indigenista**

Rua Mato Grosso, 412 - Higienópolis

SÃO PAULO - SP.

fim de definir a reserva proposta para estes índios pela base do INCRA sediada em Porto Velho.

Alguns anos atrás o INCRA, ao fazer o loteamento do setor 11, da Gleba Fundiária Corumbiara, no Território Federal de Rondônia, comunicou à Delegacia Regional da FUNAI, em Porto Velho, a existência de um grupo indígena (Masaká) neste local, mas nenhuma providência foi tomada sobre o assunto. Mesmo, assim, o INCRA separou, dos lotes à venda, 32.000 ha. para esses índios. Em 1976 o INCRA torna a insistir com a FUNAI para que se decida sobre a delimitação dessa área pois fora constatada a presença de mais um grupo indígena, este arredio, no mesmo setor.

Desde 1974 a FUNAI trabalha em conjunto com o INCRA, através de Convênio e constantemente se fazem viagens com técnicos de ambos os órgãos para definir áreas indígenas que se acham em glebas fundiárias ou de assentamentos de colonos. O Departamento de Patrimônio Indígena, da FUNAI, possui uma verba especial para efetuar estes trabalhos, dispondo de um prazo limitado e curtíssimo (5 anos) para completar as atividades. Dada a pressa exigida pelo prazo estabelecido, muitas tarefas não serão realizadas a contento.

Outras vezes, os limites propostos não são aceitos pelos índios, pois fatores alheios influíram na decisão final. Se estas condições de trabalho persistirem, no futuro, muitas reservas terão seus limites revisados, já que nem sempre os enseios da comunidade são considerados relevantes. Há uma Portaria interna assinada pelo Presidente da FUNAI que contém itens decisivos que devem ser observados pelas equipes em campo, para salvaguardar os interesses e as necessidades do grupo.

#### Os Masaká

A gleba que o INCRA reservou aos Masaká (chamados Tubarão) é ruim. Eles desejam aumentar a área, mas esta se encontra toda licitada pelo INCRA. A maioria dos lotes ainda não possui benfeitorias, sendo possível transferir os proprietários para outros locais dentro do Setor 11 da mesma gleba. Parece que o INCRA não está disposto a alterar seus planos, e propôs uma nova viagem à área, a fim de que seja estudada a redução da extensão de

terra solicitada pelos índios, alegando que 64.000 ha. são demania dos para 50 índios.

É comum se ouvir este tipo de comentário por ocasião da definição de área indígena. Não são levados em conta, a tecnologia empregada pelo grupo, a sua cultura, a ecologia, os meios de subsistência utilizados, o aumento populacional, a natureza e o aproveitamento do solo etc.

Há alguns grupos indígenas conscientes da necessidade de terem uma reserva garantida e de seus direitos assegurados. Estas reivindicações têm gerado sérios atritos com regionais e estes conflitos persistirão por certo tempo, enquanto não estiverem resolvidos os problemas de terras, não só dos índios, mas também entre os brancos.

Um outro motivo alegado pelo INCRA para não aumentar a área dos Masaká é o de que estes não são mais índios "autênticos", pois trajam-se à moda regional, falam fluentemente o português, possuem uma camioneta e adotaram grande parte de nossos costumes. Os índios estão bastante aculturados e não recebem nenhum tipo de assistência da FUNAI.

Não tive oportunidade de identificar, por falta de tempo, a que grupo pertencem os Masaká (que são chamados de Tubarão pela FUNAI), pois na localidade são conhecidos por Masaká e "caboclo" (este último, designação genérica para índio). Por sua vez, estes se autodenominam Maru e Unzakei. Na bibliografia consultada estes dois termos não são mencionados. Na aldeia Masaká vive também uma velha Guazani, termo que também não se encontra na bibliografia.

Gama Malcher (1964:86) informa que o rio Pimenta Bueno, afluente do rio Ji-Paraná, era ocupado por Tubarão, Masaká, Kanoê, Seramãí, Aruá e outros. Os Maru e Unzakei (Masaká) se consideram parentes entre si e dos demais grupos, inclusive existe na aldeia, quatro descendentes de Kanoê, além da citada velha Guazani. Dizem que entendiam a língua destes grupos, havendo às vezes pequenos nuances dialetais. Parece que dos grupos mencionados, apenas os Guazani apresentavam maiores diferenças de língua e de cultura. Os atuais Masaká ainda conservam sua língua.

Segundo informações verbais do antropólogo David Price, que examinou os doze vocábulos que coletou entre os Unzakei e Maru, estas palavras são idênticas as coletadas por Becker-Donner's (1955), nos Masaká e que por sua vez são idênticas à língua chamada Huari por Nordenskjold (1924) e por Snethlage (1937); Mundé, por Pöckring, do Summer Institute of Linguistics (1968); e Kasupá, por Bontkes, do mesmo Instituto (1968). Estes autores estão citados em Nambiquara Society (Price, 1972:80).

Por conseguinte, uma mesma língua é designada por oito nomes diversos: Malotundu, por Cândido Rondon (provavelmente a portugalização do termo Máhálohnté dos Nambiquara do Norte); Masaká; Sikaná; Kasupá; Huari; Mundé; Maru; Unzakei.

Chamo a atenção para duas informações interessantes que numa investigação sistemática pode auxiliar o pesquisador. Nos arredores de Porto Velho, na BR 364, Km. 5,5, encontrei o velho Manoelito, que se identificou como Masaká, estando casado com uma Kanoê. Ele usa o sobrenome Kasupá, assim como sua esposa. Manoelito se considera parente dos Maru e Unzakei. O termo Sikaná foi mencionado por um informante, em Pimenta Bueno, como sendo autodenominação dos Maru e Unzakei. Esta informação não ficou bem clara, pois veio contradizer outro dado, no qual se considera o termo Ingané ané como autodenominação dos mesmos.

Como os dados são insuficientes, não deu para concluir se os Masaká e os Tubarão pertencem ao mesmo grupo tribal; se Maru, Unzakei, Guazaní, Sikaná, Kasupá, Ingané'ané são diferentes grupos indígenas, ou grupos de descendência; ou são nomes diversos que os Masaká e Tubarão receberam dos civilizados, o que parece ser uma hipótese improvável, pois os vocábulos têm uma semelhança com palavras indígenas.

Persistindo dúvidas se todas as designações mencionadas se referem a um mesmo grupo, adotaremos o termo Masaká sugerido por Becker-Donner's, por ser o pesquisador que melhor conhece a região. Convém esclarecer que sempre que uso o termo Tubarão ou Masaká, me refiro aos Maru e Unzakei, localizados nas cabeceiras do rio Chupinguaí ou Nariz, afluente do rio Pimenta Bueno. Antes de se estabelecerem há três anos atrás neste local, moraram no rio Tanaru, no rio Cascata, no Garapé, Água Preta e no rio Capivara, todos eles afluentes do rio Pimenta Bueno.

Dizem que as malocas dos diferentes grupos eram próximas umas das outras, ficando a poucas dias de caminhada. Por ocasião da celebração do ritual de maior duração, todas as aldeias eram convidadas.

Os Masaká roubavam mulheres de tribos localizadas no rio Mequens, no rio Corumbiara e no rio Colorado (afluentes do rio Guaporé). A noiva era criada e educada na casa do noivo.

Todos os grupos utilizavam o mesmo tipo de adorno. Os homens, pena de arara no septo nasal; tornozeleira e braçadeira de cordões; palito acima e abaixo dos lábios (em ambos os sexos). As mulheres confeccionavam cerâmica preta.

As casas ficavam dispostas em círculos, tendo um pátio ao centro. Neste local realizavam os ritos e atividades esportivas. Atualmente os Masaká estão dispostos em uma rua de casas, uma frente a outra. A aldeia é composta por doze casas, com cobertura de duas águas, abrindo treze famílias. Cultivam mandioca, amendoim, feijão, arroz e banana. Extraem seringa que vendem a intermediários na vila de Pimenta Bueno.

#### A Aldeia Nambiquara

A dez minutos de vôo da aldeia dos Masaká e duas horas da vila Pimenta Bueno, encontra-se um pequeno acampamento de índios arredios, identificados por um seringalista local e pelos Masaká como pertencente à família Nambiquara, de língua Mamaindé. Localizam-se nas cabeceiras do rio Mutuca, afluente do rio Pimenta Bueno, numa área de campo arenoso e cheio de erosão, ao contrário dos Masaká que ocupam a mata. Dizem que estes índios são originários do rio Roosevelt ou do rio Cabixi. Foram vistos nos grupos no rio Guaporé, no rio Cabixi, perto de Vilhena, nas cabeceiras do rio Barão de Melgaço, ao longo do rio Mutuca, no rio do Ouro e no rio Capivara. Provavelmente seja o mesmo grupo que está agora no rio Mutuca, ou então há mais índios do mesmo grupo dispersos pela região, o que parece improvável, devido ao grande povoamento da área, apesar de não ter sido investigado o ano em que estavam nos diversos rios mencionados. Malcher (1964:83) localiza os Mamaindé nas cabeceiras do rio Branco ou Cabixi, afluente

ente da margem direita do alto Guaporé. Menciona a existência de índios arredios, na região do rio Galera, afluente do Guaporé. Informa também que em 1962 vivia em Pimenta Bueno, no Gíparaná, um grupo de Tagnani (Nambiquaras).

Os índios arredios ainda não foram contatados por ser época chuvosa na região, o que dificulta o trabalho, mas ainda este ano (1977) será realizada a tarefa. A aldeia que sobrevoei fica dentro da área reservada pelo INCRA, na Gleba Fundiária Corumbiara. Entretanto, a área utilizada pelo grupo tem uma extensão bem maior que aquela reservada. Propus que delimitassem 56.000 ha., sendo que nesta área há seis lotes (2.000 ha. cada) licitados e com algumas benfeitorias. A FUNAI em entendimento com o INCRA, decidiu interditar a área proposta até que os índios fossem atraídos e verificadas as informações da presença de mais agrupamentos indígenas na Gleba Corumbiara. Interditar significa impedir o acesso de regionais, de fazendeiros, de posseiros, ou de construir benfeitorias na área considerada indígena, por tempo indeterminado. A área interdita normalmente é muito extensa, mas, após o contato, esta é consideravelmente reduzida.

Em janeiro de 1975 os Masaká resolveram contatar os Nambiquaras arredios. Permaneceram algumas horas com eles, deixando roupas e ferramentas. A aldeia era constituída de duas casas, sete mulheres e oito homens. Não entenderam o que falavam. A recepção não foi muito calorosa, no início. Um jovem atirava flechas contra eles. Depois lhes ofereceram alimento. Nunca voltaram a ter contato com eles, pois temem ser mortos.

Os Nambiquaras arredios não são aguçados e foram vistos por fazendeiros, por topógrafos do INCRA e na BR 364. Sua aldeia várias vezes é sobrevoada por fazendeiros. São vários grupos ou um grupo pequeno de 15 a 30 pessoas que vagueia pela região.

Sobrevoei a área indicada como sendo dos índios arredios e deparei com seis casas ovaladas, cobertas de folhas de palmeiras. Cada casa tinha uma pequena porta. Pelo aspecto descuidado das casas e pelos nítidos e marcantes caminhos radiais, tem-se a impressão que estão há muito tempo fixos neste local. Sete pessoas saíram das casas para ver o avião. São de estatura pequena e pele escura.

Comentam que estes índios confeccionam cerâmica preta; que as mulheres usam um pauzinho nos lóbulos das orelhas e no lábio superior; que a aldeia muda de lugar toda a vez que alguém morre.

Os Masaká e os demais grupos vizinhos não mantinham no passado, relações cordiais com os Nambiquaras, devido a roubo de mulheres que provocavam rixas permanentes.

#### A necessidade de pesquisas etnológicas

Os dados aqui apresentados são resultantes do relatório que se encontra arquivado no Departamento Geral de Planejamento Comunitário, da FUNAI. As informações foram fornecidas por dois Masaká, na vila de Pimenta Bueno, durante dois dias, pois quanto não tive oportunidade de visitar sua aldeia. Também os dados referentes aos Nambiquaras arredios foram informações desses Masaká.

Como o leitor pode deduzir desta leitura, são muitas as dificuldades encontradas para se definir uma área indígena. Estas dificuldades aumentam sensivelmente quando a cultura do grupo indígena é quase desconhecida e estes se encontram em uma fase de extinção cultural e física. Provavelmente muitos grupos indígenas desaparecerão sem que sua cultura seja sistematicamente investigada. É o caso por exemplo, dos índios que se localizam no Acre, em Rondônia, nos cursos dos rios Juruá, Purus e outros, que permanecem até o momento como áreas desconhecidas etnograficamente, ao contrário de outras, excessivamente pesquisadas (Alto Xingu, os grupos Jê do Brasil Central etc.).

Para a FUNAI é de extrema importância e valia que exista bibliografia específica sobre a cultura dos grupos indígenas, pois proporciona maior precisão na delimitação de suas reservas. A tarefa se torna mais fácil, as decisões são tomadas de imediato, os argumentos são mais decisivos para anular as certidões de posse de terra apresentadas pelos proprietários invasores de área indígena.

Os antropólogos poderiam cooperar mais enfaticamente na resolução dos problemas de terra, se por ocasião de suas pesquisas, acrescentassem determinados itens que ajudassem a FUNAI nesta intrincada tarefa de delimitação de áreas indígenas. Estes itens



encontram-se na Portaria nº 385/N, de 23.08.76, a qual fiz referência anteriormente e que passo a resumir, rapidamente. Plotar em mapa: a sede do Posto Indígena; as aldeias ou malocas; as áreas de roça, de caça, de pesca, de coleta; o local do cemitério; a área utilizada para fins religiosos; o levantamento de benfeitorias de posseiros, de invasores e de fazendeiros, bem como, a área ocupada e a atividade econômica que desenvolvem.

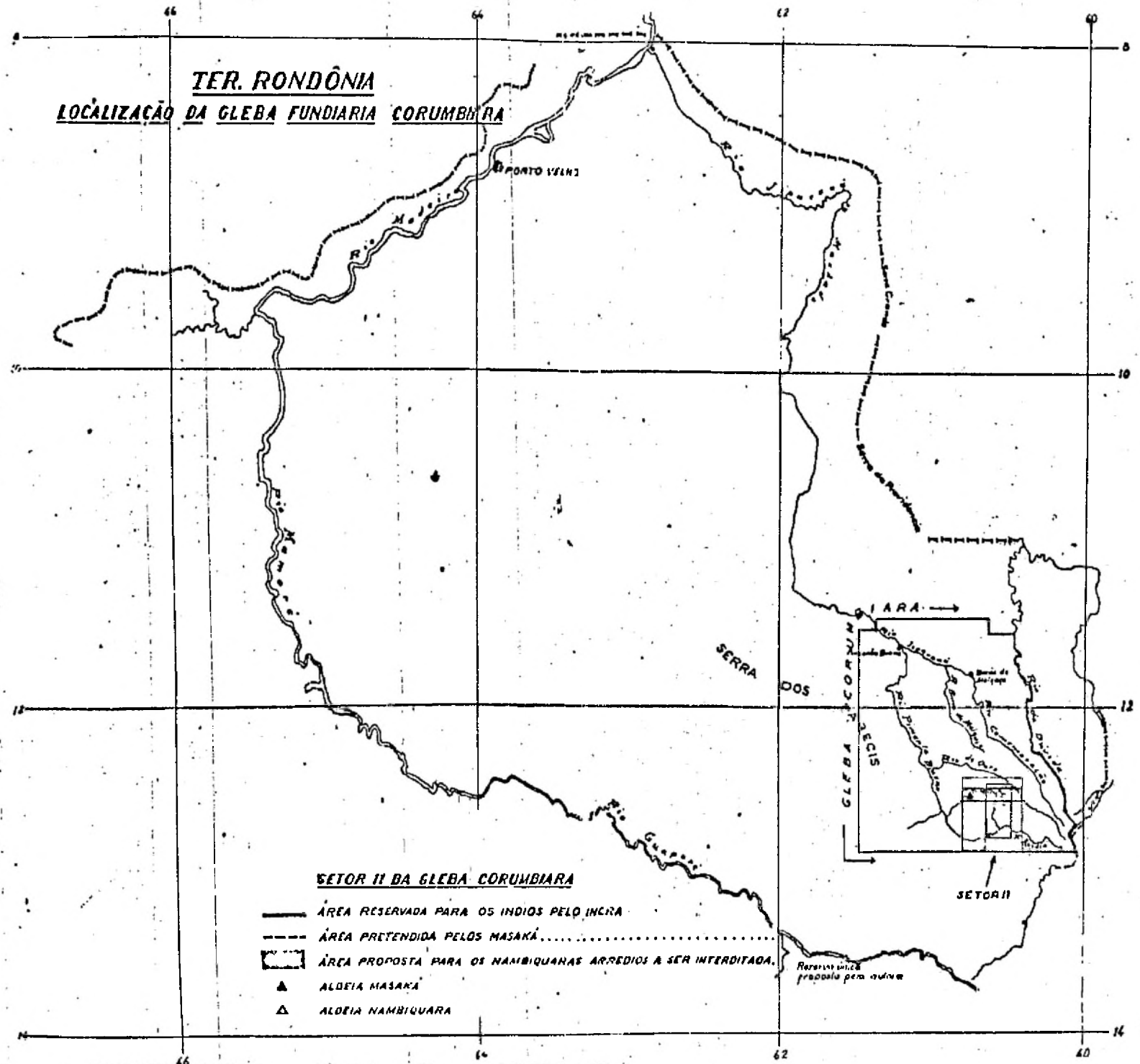
#### Bibliografia

Malcher, José Maria da Gama - Índios. Espaço de integração na Comunidade Nacional, Grupo Linguístico, Localização. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Publicação, 1, N.º., 1964.

Price, P. David - Nambiquara Society. Tese de doutoramento, não publicada, apresentada a The University of Chicago. Chicago, Illinois, 1972.



# TER. RONDÔNIA LOCALIZAÇÃO DA GLEBA FUNDIÁRIA CORUMBIARA



## SETOR II DA GLEBA CORUMBIARA

- ÁREA RESERVADA PARA OS INDIOS PELO INERA
- - - - - ÁREA PRETENDIDA PELOS MASAKÁ
- ▨ ÁREA PROPOSTA PARA OS NAMBIQUARAS ARREDIOS A SER INTERDITADA.
- ▲ ALDEIA MASAKÁ
- △ ALDEIA NAMBIQUARA

Reserva indígena proposta para o índio

110

Sra. chefe da DEP,

solicitamos o arquivamento  
do presente relatório na DOC. DEP.

~~Empresa~~

GE 0-DEP

Do arquivo do Setor  
de Documentação.

DEP 01-04-77

La Rogado